

Clones e messianismos extraterrestres

Joaquim Fernandes
Professor Auxiliar | UFP
jfern@ufp.pt

Resumo

O texto analisa, em traços gerais, a recente reaparição de fórmulas messiânicas sob a forma de grupos que deificam entidades tidas como Superiores Desconhecidos de origem extraterrestre. Justifica-se a inserção do movimento Rael no quadro dos “Novos Movimentos Religiosos” adequados ao contexto técnico-científico da civilização contemporânea do tipo ocidental e descreve-se, de passagem, alguns traços sociais dos seus aderentes. O fenómeno do “contactismo” e o culto fortemente personificado do líder permite atribuir aos Realianos os critérios específicos do Milenarismo.

Abstract

The text analyzes briefly the recent reappearance of messianic formulas proposed by groups that deify entities presumed as “Unknown Superiors” of extraterrestrial origin. The author justified the insert of the Real Movement in the picture of the “New Religious Movements” under the technician-scientific background of the western civilization. It is also shortly described some social lines of their supporters. The “contactee” phenomenon strongly personified by the Rael leader suggest that the Realian Movement embodies the specific criteria of Milenarism.

Joaquim Fernandes

O relevo dado às implicações do foro bio-ético da alegada primeira clonagem humana tem omitido um conjunto de referências e pistas, de ordem antropológica e sociológica, que interessa evocar, a pretexto da génese e fundamentos de cultos como o movimento Raeliano.

Importa, desde já, enunciar algumas das coordenadas essenciais do discurso neo-religioso de Claude Vorilhon (Rael) como réplicas actualizadas, pelo desenvolvimento tecno-científico, de antigas crenças de fundo esotérico-metafísico que remontam a meados do século XVIII.

De facto, o tema do “comércio dos anjos com os homens” remonta às obras do barão Emanuel Swedenborg (1688-1772), o místico sueco que inspirou a fundação, em Londres, em 1780, da Igreja da Nova Jerusalém, culto que iria despertar uma indesmentível curiosidade em intelectuais de relevo, como Goethe, William Black ou Victor Hugo, entre outros.

Em 1758, no tratado “Concerning Earths in the Solar Systems”, Swedenborg revela a possibilidade de conhecimento dos diferentes planetas do sistema solar através das “viagens astrais”. Neste texto, ressalta a edificação de uma teologia alternativa, em que extraterrestres e espíritos repudiam muitos dos princípios do cristianismo tradicional, em consonância com o crescendo do racionalismo das “Luzes”, fermento de uma crise religiosa já em curso. Rael é claramente recorrente nessa neo-teologia de substituição, face às hesitações e fraquezas das crenças dominantes.

Um novo impulso a estas concepções concorrenciais das religiões estabelecidas seria dado com a fundação da Sociedade Teosófica, sobretudo por Helena Blavatsky, teorizadora da ciclópica “A Doutrina Secreta” (1888), na qual disserta sobre contactos telepáticos com uma hierarquia de antigos Mestres Espirituais. É este novo sistema oculto que vai instaurar um modelo de relação de dependência da humanidade para com os Superiores Extraterrestres, como, por exemplo, os venusianos “Senhores da Chama”.

Assim, o movimento teosófico do século XIX irá ser o instrumento-chave no desenvolvimento de uma teomitologia que inclui a noção de seres benevolentes, procedentes de outros mundos, periodicamente de visita à Terra, vigiando a evolução da espécie humana. Também aqui a ideologia raeliana somente recupera um tema clássico da tradição ET.

Nem mesmo se poderá ter como pioneira, em Rael, a reivindicação da manipulação genética da espécie humana pelos “Superiores Celestes”: isso mesmo já o proclamava o culto dos “Brotherhood of the Sun”, fundado na Califórnia por Norman Paulksen, em 1955, assente num sincretismo religioso e cosmológico com elementos hindus, cristãos, além de traços teosófico-esotéricos. Andreas Grunschlos, da Universidade de Gottingen, esclarece que a referida “Irmandade” californiana reclamava, para esses “deuses-construtores”, uma acção decisiva na antropogénese da humanidade, a partir do continente desaparecido de Mu.

De facto, a “teo-tecnologia” raeliana é uma síntese, no detalhe e na generalidade, de argumentos e cenários, no mínimo anteriores a 1969, divulgados por autores da “contra-cultura”, traduzidos em Portugal. Foi o francês Jean Sendy que deu o mote com a obra “Os deuses que fizeram o céu e a terra”, ao mesmo tempo que o alemão Erich von Daninek introduzia, ainda nos anos 60, o tema dos “antigos astronautas” e R.L. Dione editava “God drives a flying saucer” (1969).

Importa, de igual modo, anotar que Rael reivindica para si um estatuto de semi-deus – o último dos 40 profetas e co-irmão de Jesus Cristo e Maomé – uma vez que sua mãe teria sido levada da Terra por um mensageiro dos Elohim para lhe ser implantado o ADN divino. “B’nai Elohim”, em hebreu, na tradução raeliana – “os visitantes do céu” – não concorda com a versão dos teólogos judaicos. Na Torah, a palavra Elohim seria antes sinónimo de “anjos” ou mesmo “espíritos dos mortos”.

O movimento Realiano reivindica o estatuto de religião e, por isso, entre os seus ritos, um dos mais significativos será o do baptismo raeliano que deve ser precedido de um acto de apostasia da religião de origem: rituais similares eram recorrentes, por exemplo, entre os movimentos messiânicos extra-europeus, num contexto de afirmação das suas identidades culturais na luta contra o colonizador europeu. O Brasil da segunda metade do século XVII, em particular, revelou-se um cenário fecundo neste tipo de baptismo apostático, promovido por messias tribais – os designados “karaíba”, mormente das culturas Tupi-Guarani. Este ritual, deformado do catolicismo jesuítico, atingiu alguma notoriedade na região da Baía, com o episódio messiânico da santidade de Jaguaripe, em 1686, interpretado por um mestiço de índio e branco, assumido como o Papa. Entre os rituais revivalistas, este messias local

preconizava um novo baptismo que servia para que os seus fiéis readquirissem o nome indígena e renegassem o cristão.

De sublinhar, entretanto, que, à luz de critérios sociológicos, o culto de Rael não deverá ser definido como uma “seita”. Porque simplesmente o culto raeliano não resulta de um fraccionamento no seio de uma religião estabelecida, maioritária, cristã ou outra, como, por exemplo, os Nazarenos, dissidentes do Judaísmo. Por isso, alguns autores advogam designá-lo como um Novo Movimento Religioso ou Culto Alternativo. Nem mesmo o facto de Rael revogar o Deus antropomórfico bíblico, substituindo-o pela Ciência, o retira do território da crença. Aliás, o culto raeliano pode prefigurar-se como a suprema antítese ao constituir-se na primeira religião assumidamente ateísta, no sentido da revogação do Deus judaico-cristão, icognoscível e misterioso, substituindo-o pelos sofisticados criadores tecnológicos extraterrestres.

Parece lícito justificar a adesão ao culto realiano por outros detalhes sociológicos, não menos importantes, e que remetem para a ambiguidade sexual admitida pelo movimento. As investigações de Susan Jean Palmer, que estudou a função e a autoridade das mulheres no movimento realiano, levam a crer que a abertura do movimento à experimentação de novos géneros proporciona um quadro atractivo para indivíduos de orientação transsexual ou desviante que ali se sentem plenamente integrados. Numa palavra, a orientação de Rael poderá ir no sentido da promoção da androgenia, quem sabe? – na secreta esperança de reconstituir o ser matricial do Génesis bíblico.

Campo de eleição do exercício das disciplinas científicas sociais e humanas, o “contactismo” contemporâneo emana de uma compósita nebulosa de grupos que, de acordo com a sistematização de Stefan Isaksson, da California State University, são entendidos como “movimentos de revitalização”. Esses grupos visam assegurar a salvação individual imediata no presente, reorganizando a sociedade e a cultura dominante, de molde a propiciar a integração e passagem a novo modelo de vida que se anuncia.

De um modo geral, esses “Novos Movimentos Religiosos”, de fundo mitológico extraterrestre, como vêm sendo estudados por antropólogos e sociólogos das religiões (Gordon Melton e James Lewis, nos Estados Unidos, p.ex.) podem assumir várias modalidades – os cultos “cargo”, os movimentos milenaristas e os movimentos messiânicos. Com especi-

ficidades menores, todos estes grupos se revelam activos na promoção de uma transformação dos valores contemporâneos, visando a adequação do indivíduo a uma “economia de salvação” da humanidade, graças a uma super-ciência extraterrestre.

Deste modo, o movimento raeliano cumpre duas funções de “revitalização”, no quadro de um certo desfalecimento das crenças organizadas: a secularização do “sentido religioso”, que remove o sobrenatural e introduz a tecnologia supranatural dos ET; a remitologização, porque reintroduz um elemento de profundo mistério – o “sagrado”, de Rudolf Otto – e uma força preternatural que estaria por trás do nosso conhecimento científico.

Referências bibliográficas

- Barker, E. (1989). *New Religious Movements*. London, Her Majesty's Stationery Office.
- Ellwood, C. (1976). *Religious and Spiritual Groups in Modern America*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Lewis, J. R. (ed.). (2003). *Encyclopaedic Sourcebook of UFO Religions*. Amherst, New York, Prometheus Books.
- Palmer, Susan J. (1992). “Woman as paymate in the Raelian Movement: Power and Pantagamy in a New Religion”. In: *Syzygy: Journal of Alternative Religion and Culture* 1 (nº 3), pp. 227-45.
- Palmer, Susan J. (1998). “The Realiens are coming: The future of a UFO Religion”. In: Bromley, D. G. & Hammond, P. E. (Eds). *Religion in a Changing World*. Macon, Ga., Mercer University, pp. 11-29.
- Vorilhon, C. (Rael). (1974). *Le Livre qui dit la vérité*. Vaduz, Liechtenstein, Fondation Raelienne.